

**PROJETO FOCEM:
VIVÊNCIAS SONORAS E FORMAÇÃO DE EDUCADORES NA REDE BÁSICA
DE ENSINO**

MÁRCIO SAN MARTIN GONÇALVES¹

ISABEL BONAT HIRSCH²

¹*Universidade Federal de Pelotas – sanmartingonçalves@gmail.com*

²*Universidade federal de Pelotas - isabel.hirsch@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

O projeto FOCEM – Formação Continuada em Educação Musical – tem como objetivo principal oferecer subsídios práticos e significativos para professores da rede básica que desejam se aproximar do universo da musicalização. A proposta adota uma abordagem acessível e orgânica, priorizando o sentir antes do conceituar, o fazer antes da técnica. Ao evitar, num primeiro momento, o uso de termos técnicos, promove-se um ambiente de leveza, escuta e movimento, onde a experiência sonora é o ponto de partida.

O projeto se apoia nas principais pedagogias ativas da educação musical que, embora sendo do início do séc. XX, ainda fazem sentido no contexto da educação musical atual pois, alguns pedagogos de vanguarda, buscam nelas inspiração para criarem novos métodos e técnicas de abordagem.

Gradualmente, elementos estruturais da música como pulsação; parâmetros sonoros - timbre, intensidade, duração e altura; e, elementos do som - ritmo, melodia e harmonia, são apresentados de forma integrada, sempre conectados à vivência prática dos participantes. Para Figueiredo (1954),

A música impõe-se enquanto inserida numa cultura e levada a cabo pelos indivíduos no seu quotidiano. É a expressão, sempre presente, do sentir dos povos que, apesar das suas diferenças, os torna co-naturais. [...] Mesmo simples, como realmente são, mesmo com vozes roufenhas e pouco afinadas, esses rumores são os únicos que os tranquilizam. E assim continua a ser durante todo o tempo em que os seres humanos parecem nada perceber dos códigos linguísticos com que os mais crescidos se comunicam entre si (Figueiredo, 1954, p. 33).

2. ATIVIDADES REALIZADAS

As ações foram estruturadas em oficinas interativas realizadas dentro das próprias escolas, com foco no desenvolvimento musical a partir do corpo e da escuta ativa. A pulsação foi o ponto de partida, tratada como fundamento vital da música. Para isso, explorou-se percussão corporal, palmas, pés, objetos de apoio (copos, balões), além de instrumentos musicais simples. O objetivo era permitir que os participantes internalizassem a pulsação, compreendendo-a não só como conceito musical, mas como elemento presente no cotidiano, ligado à própria

pulsação do corpo. Como destaca Willems (1970, p. 27), “a educação musical deve começar pela audição, pela vivência sonora, antes de qualquer explicação teórica”, o que reforça a importância da experiência corporal e sensível na aprendizagem musical.

Nesse primeiro momento, trabalhar a pulsação foi sem dúvidas um dos pontos mais desafiadores, visto que cada um no grupo parte de um ponto diferente dentro da musicalização, encontrar a convergência das habilidades requer método e paciência, o que acabou acontecendo naturalmente no decorrer das aulas em função das atividades realizadas.

Na sequência, introduziram-se os parâmetros sonoros: timbre, duração, intensidade e altura. Por meio de dinâmicas sensoriais, os professores foram convidados a perceber sons do ambiente, experimentar objetos não convencionais e explorar as possibilidades expressivas da voz. A ideia era aproximar os participantes de conteúdos que, embora familiares em suas vivências, ainda não haviam sido tratados com olhar musical.

Aqui também é utilizada a percussão corporal como instrumento de apoio, novamente, o sentir com o corpo antes dos instrumentos de fato, essa idéia de explorar os sons do próprio corpo torna possível criar dinâmicas musicais com poucos recursos, premissa que também faz parte da filosofia de trabalho do projeto, visto que nem sempre se tem à disposição instrumentos musicais nas escolas. De acordo com Fonterrada (2008),

A escuta é uma atitude que se aprende, que se cultiva, que se exercita. Escutar é mais do que ouvir. É estar disponível para o outro, para o mundo, para si mesmo. É permitir que o som nos atravesse, nos toque, nos transforme. A educação musical, nesse sentido, não se limita à transmissão de conteúdos, mas se abre à experiência estética, à vivência sensível, à construção de significados. Quando se escuta com atenção, com curiosidade, com afeto, o som deixa de ser ruído e se torna linguagem, expressão, presença (FONTERRADA, 2008, p. 41).

O ritmo foi trabalhado a partir de combinações simples e progressivas, ainda utilizando a percussão corporal como base, mas agora também foram inseridos alguns instrumentos de percussão convencionais, como pandeiros, tambores e chocinhos.

As sequências rítmicas ganharam complexidade conforme o grupo evoluiu, sempre respeitando os avanços na aprendizagem dos participantes e favorecendo a construção coletiva.

Essa abordagem dialoga com os pensamentos de Cunha, Carvalho e Maschat (2015, p. 57), onde “a música elementar é concebida como uma forma de expressão que integra corpo, movimento, fala e dança, sendo vivenciada de forma coletiva e espontânea”, valorizando a vivência prática e a expressão corporal como parte essencial do processo educativo.

Nesse momento a música começa a ganhar forma, as atividades anteriores de pulsação e de parâmetros sonoros começam a fazer sentido, tudo fica mais evidente e a construção dos padrões rítmicos ganham forma e contorno, passamos a utilizar menos a percussão corporal e assumimos os instrumentos de percussão para acompanhar a próxima etapa do processo.

Por fim, a melodia, passou a ocupar um espaço mais central nas atividades. Embora presente desde o início, neste momento ela se tornou

protagonista por meio de atividades vocais onde eram utilizadas canções conhecidas, como as folclóricas (inclusive de outros países), as populares e até mesmo as eruditas. Trabalhou-se a afinação, o fraseado e a expressividade;

A escolha do repertório sempre é pautada na vivência do coletivo, e o que importa é que as músicas façam sentido e validem o grupo em questão, e que tragam variedade e suporte pedagógico para as atividades, afinal, todo esse trabalho poderá servir de inspiração para que os participantes do projeto possam utilizá-lo em situações futuras.

Nesta etapa, sempre procuramos cantar acompanhados dos instrumentos de percussão, bem como alguns instrumentos de harmonia, quase sempre o violão, instrumento mais utilizado, até por sua praticidade de locomoção, dando a base para as melodias a serem trabalhadas. Penna (1990) reforça que:

A música, por sua natureza, é uma linguagem expressiva que permite ao educador trabalhar aspectos emocionais, cognitivos e sociais do aluno. Quando se utiliza o canto como ferramenta pedagógica, não se está apenas ensinando notas ou ritmos, mas promovendo o desenvolvimento da escuta sensível, da afinação, da memória auditiva e da expressividade. O repertório, seja ele folclórico, popular ou erudito, deve ser escolhido com cuidado, respeitando o universo cultural dos alunos e dos professores, pois é por meio dele que se estabelece a ponte entre o conhecimento musical e a vivência cotidiana (PENNA, 1990, p. 45).

Todas as atividades mantiveram um caráter lúdico, sensível e colaborativo, fortalecendo o engajamento do grupo. O planejamento coletivo e o diálogo constante entre licenciandos e professores permitiram adaptações e enriquecimento contínuo da proposta.

Ao longo dessa etapa, pudemos perceber uma maior homogeneização do grupo de trabalho, ou seja, as propostas discorriam mais conectadas e todos estavam mais à vontade em realizar as atividades, o que refletia diretamente no resultado dos alunos, que eram professores da rede básica de ensino.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados observados ao longo do projeto foram extremamente positivos. Professores(as) que inicialmente se sentiam distantes da linguagem musical passaram a demonstrar domínio e confiança nas práticas. Muitos(as) relataram que a musicalização agora faz sentido em suas rotinas escolares e que os conteúdos discutidos abriram novas possibilidades de atuação. A formação continuada, nesse contexto, mostrou-se essencial para o aprimoramento do fazer docente.

Também oportunizou aos participantes esse contato mais próximo à linguagem musical, desmistificou alguns pontos, valorizou outros e ao final, todos já estavam se sentido mais dispostos e encorajados no que se refere ao fazer musical, tanto dentro como até mesmo fora da sala de aula. O projeto despertou vários interesses, até mesmo em tocar um instrumento harmônico, procurar por aulas de música, visto que percebeu-se ser possível embarcar nesse universo tão vasto e rico que a música proporciona.

Para os licenciandos envolvidos, o FOCEM proporcionou uma experiência rica de campo, possibilitando contato direto com a realidade escolar e

contribuindo para o fortalecimento da identidade profissional. A vivência com os professores revelou-se uma oportunidade não apenas de ensino, mas também de escuta e transformação mútua.

Como reforça o portal institucional da UFPel, a formação deve promover “uma prática refletida na teoria que é devolvida à prática”, evidenciando o compromisso com uma atuação docente significativa e com valor social.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, João; CARVALHO, Sara; MASCHAT, Verena. ***Abordagem Orff-Schulwerk: história, filosofia e princípios pedagógicos***. Aveiro: UA Editora, 2015.

FIGUEIREDO, Fidelino de. ***Música e pensamento***. Lisboa: Guimarães Editores, 1954.

FONTERRADA, Betty. ***De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação***. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

PENNA, Maura. ***Música(s) e seu ensino***. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Sulina, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. ***Curso de Licenciatura em Música***. Pelotas: UFPel, [s.d.]. Disponível em: <https://institucional.ufpel.edu.br/cursos/id/curso/436>. Acesso em: 29 jul. 2025.

WILLEMS, Edgar. ***As bases psicológicas da educação musical***. Bienna (Suíça): Edições Pro-Musica, 1970.